Capítulo I — Posição do problema

Para tornar palpável a verdade da minha proposição, deixo de lado todos os raciocínios abstratos, todas as teorias metafísicas; contento-me em invocar um pequeno número de fatos retumbantes e de significação incontestável.

Primeiro fato. — Salvo alguns atos de desobediência inevitáveis, mesmo em crianças bem-nascidas, vê-se, durante toda a Idade Média, a Europa mostrar-se cheia de respeito e de submissão para com a Igreja. Cristã na sua fé, nos seus costumes públicos, nas suas leis, nas suas instituições, nas suas ciências, nas suas artes, na sua linguagem, a sociedade desenvolvia tranquilamente essas belas e fortes proporções que a aproximavam cada dia da medida de Cristo, tipo divino de toda perfeição.

Segundo fato. — Com o século XV, o império soberano do catolicismo enfraquece. A antiga união da religião e da sociedade é abalada. Até então tão venerada, a voz paternal dos pontífices romanos torna-se suspeita; a majestade do seu poder se apaga como uma grande sombra; a submissão filial dos reis e dos povos diminui: a sociedade sente nascer em seu coração um funesto desejo de independência: tudo anuncia uma ruptura.

Terceiro fato. — O século XVI mal começou, e da cela de um monge alemão ergue-se uma voz, poderoso órgão dos pensamentos culpados que fermentam nas almas; essa voz diz: Nações, separai-vos da Igreja católica, fugi de Babilônia; povos, rompei as andadeiras da vossa longa infância, doravante sois bastante fortes, bastante esclarecidos para vos governardes a vós mesmos. A voz é escutada com um favor que ainda hoje espanta. Na maior parte da Europa, viu-se a sociedade acusar a sua mãe de superstição e de barbárie, abjurar as suas doutrinas, desprezar os seus maiores homens, queimar tudo o que trazia a marca da sua mão sagrada, e derrubar ou mutilar, como monumentos de ignorância, de escravidão e de idolatria, os templos e os edifícios em que os séculos anteriores tinham abrigado tão magnificamente a sua fé, imortalizando ao mesmo tempo a sua ciência e o seu gênio.

Quarto fato. — Essa incrível ruptura não foi um acesso passageiro de vertigem: dura ainda. Nem as angústias, nem as humilhações, nem os desenganos, nem as catástrofes, nem as calamidades de toda espécie puderam reconduzir o filho pródigo ao regaço materno. Longe disso, a sua aversão pela Igreja foi aumentando; converteu-se em ódio, ódio sempre vivo, sempre ativo; de sorte que, há três séculos, a Europa parece só saber fazer três coisas, mas fá-las com uma perfeição desesperadora: despojar a Igreja, acorrentar a Igreja, esbofetear a Igreja. Hoje, chegada ao paroxismo da paixão, a antiga filha do catolicismo já não tem outro grito de guerra senão estas palavras horríveis, repetidas em todos os tons, do Adriático ao Oceano e do Mediterrâneo ao

Báltico: *O cristianismo nos pesa, não queremos que reine sobre nós; que o tirem, só a sua vista nos é insuportável.*

Quinto fato. — Desde que dura esse desvario, a Igreja não mudou. Antes como depois, é a mesma: tão boa, tão sábia, tão dedicada. Diante das dores da sociedade, não ficou nem ociosa nem muda. Talvez nunca a sua ternura maternal tenha desdobrado uma solicitude mais universal, um zelo mais infatigável. De seu seio perpetuamente fecundo saíram, no século XV, trinta e cinco ordens ou congregações religiosas; no XVI, cinquenta e duas; no XVII, noventa. Todos esses grandes corpos, manobrando como um só homem, tornavam incessante a sua ação sobre a família e sobre a sociedade, do norte ao sul da Europa. Desde são Vicente Ferrer até são Vicente de Paulo, numerosos santos espantaram o mundo pelo heroísmo das suas virtudes e mostraram aos mais cegos que a Igreja romana não deixou de ser a esposa incorruptível do Santo dos santos, a mãe de todos os homens verdadeiramente dignos do nome de grandes: *Alma parens, alma virum* — mãe nutriz, nutriz de varões.

Por seu lado, os seus admiráveis doutores, desde Belarmino até Bossuet, provaram que ela continua sendo a fonte da luz e do saber. Prosseguido em toda a majestade da sua força pelos sumos pontífices e pelos concílios, o ensino católico reduziu há muito a pó, tanto o princípio protestante, como os vãos motivos que serviram de pretexto à ruptura, e todos os que, mais tarde, foram inventados para mantê-la. Ora, nem as demonstrações, nem as advertências, nem os benefícios, nem as súplicas, nem as lágrimas, nem os esforços de todo gênero conseguiram tocar a sociedade europeia, nem reatar a antiga aliança que unia a filha à mãe.

Desses fatos, que ninguém negará, resulta evidentemente a seguinte conclusão:

> *Há quatro séculos existe na Europa um elemento novo, um elemento a mais ou um elemento a menos do que na Idade Média; e esse elemento forma um muro de separação, sempre subsistente, entre o cristianismo e a sociedade.*

Qual é esse elemento? Onde está?

É o que vamos procurar.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:08 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:08 by Admin